

Tecnologia

Parques em universidades trazem uma janela de inovações

Polo acadêmico garante formação de mão de obra e melhorias em setores como indústria e saúde

Eduardo Torres
eduardo.torres@jcrs.com.br

Quando a médica oftalmologista Daniela Higuchi chegou ao UPF Parque, na Universidade de Passo Fundo, ela trazia consigo o conhecimento prático das dificuldades para garantir acesso a exames oftalmológicos em locais onde não era possível ter um consultório médico plenamente equipado. Ela tinha a ideia do que queria. Restava desenvolver um produto com a tecnologia, o desenho e a aplicabilidade necessárias para se tornar uma realidade. Nascia ali uma startup incubada pela instituição de Passo Fundo.

Foram dois anos de desenvolvimento para que o retinógrafo portátil de baixo custo – 15 vezes mais barato do que o equipamento tradicional

– se tornasse um dos quatro produtos hoje patenteados e já em uso por prefeituras da região, a partir do desenvolvimento na UPF.

“Era o resultado de uma pesquisa de pós-graduação na universidade, e na nossa cidade, que é um polo de saúde. O ambiente do UPF Parque permite essa busca de soluções vivas e plenamente aplicáveis no dia a dia. Todo o desenvolvimento, a busca por parcerias, a partir de uma ideia, o aluno ou o pesquisador encontra dentro do Parque. Nós sempre temos presente no nosso trabalho a força da matriz produtiva da região. Digamos que estamos sempre de olho no nosso quintal para continuarmos sendo uma referência na busca de soluções inovadoras”, explica a diretora do UPF Parque, Téo Girardi.

Além do retinógrafo, pelo menos outros dois produtos na área da saúde estão em fase final de desenvolvimento por startups que trabalham no UPF Parque. Uma delas, desenvolveu



Desenvolvido na UPF, retinógrafo portátil de baixo custo é um dos produtos patenteados e já em uso

um aplicativo de gestão hospitalar, e a outra, uma solução para tratamentos de pele.

Mas a saúde não é a única demanda no parque tecnológico que completa 10 anos em 2023. Atualmente, são 43 empresas atuando ali, algumas delas, residentes. Outras, vão além da residência. É o caso da Stara.

O Stara Labs, que é o centro de desenvolvimento das tecnologias que estarão embarcadas no maquinário da montadora gaúcha, é residente do Parque, em uma experiência que começou a partir de uma demanda específica para o desenvolvimento de um software. Hoje, a Stara mantém um mestrado

na universidade, com acesso a protótipos da indústria que são desenvolvidos nos laboratórios do Parque.

“Para o aluno da universidade é excelente. Eles têm nesse espaço um contato vivo com o mercado, de fato. A Stara é um dos casos de empresas que têm se aproveitado muito dessa qualificação desenvolvida aqui dentro para empregar ou oferecer estágios nas suas operações. Situação semelhante acontece na parceria com a Cavalletti, de Erechim, que desenvolve na universidade as suas inovações”, aponta Téo.

Em breve terá início outra etapa deste processo de

inovação na economia da região, estimulada pela universidade. Serão investidos R\$ 13 milhões, com pouco mais de R\$ 10 milhões em recursos federais, para a construção do UPF Valley, que será um novo espaço para que as indústrias e demais empresas locais instalem-se de maneira conectada, em um chamado “living lab”.

“É um novo modelo de negócio, abrindo espaços para a estrutura física das empresas, mas não de maneira fechada, com muros entre elas. A ideia é que este espaço seja um distrito de inovação, para ter empresas e serviços abertos e conectados”, explica a diretora.

Instituto Aliança Empresarial já reúne 20 organizações locais

O avanço faz parte do ambiente efervescente, estimulando também por um grupo que já soma 20 empresas locais, em Passo Fundo, para a formação do Instituto Aliança Empresarial. Reunidas, essas empresas representam R\$ 30 bilhões em faturamento anual.

“Foi uma iniciativa coletiva de grandes empresas da região, em 2019. Era um momento em que todos pensavam em inovação, mas perceberam que essa melhoria poderia render benefícios para a sociedade se fosse desenvolvida de maneira mais coletiva. A Aliança seria um ambiente neutro, no qual as empresas trariam os problemas comuns na região e que precisavam de soluções inovadoras”, explica a diretora institucional do Instituto Aliança, Márcia Capellari.

Agora, a iniciativa está

prestes a ganhar um espaço físico no prédio do histórico Moinho, de 1939, no centro da cidade. A perspectiva é de que a transformação do prédio, a exemplo do que acontece com o Instituto Caldeira, em Porto Alegre, esteja concluída no final de novembro. Ali, ficarão residentes seis startups que terão o monitoramento dos seus negócios mentorados, além de terem um ambiente aberto, com convivência e soluções concretas.

“O papel da Aliança é fomentar o ecossistema. Criamos um projeto que é da cidade e da região. Só é possível compreender os resultados do que tem sido feito quando podemos observar e medir seus resultados, como acontecerá no Moinho, onde o acompanhamento será próximo”, diz a diretora.

Até então, nove startups já foram aceleradas com recursos do Instituto Aliança Empresarial. Entre as ações desenvolvidas esteve um projeto de eficiência na reutilização de materiais da Be8. Em seu laboratório de inovação, foram conectados projetos para transformar uniformes usados em ecobags. “Pode parecer uma ideia simples, mas ninguém estava fazendo”, valoriza Márcia.

Uma experiência semelhante tem florescido em Panambi, com o Instituto Agregar. Lá, empresas como Kepler Weber, Bruning Tecnometal, Cotripal e Fockink estão desenvolvendo um hub de inovação com a pegada do setor metalmeccânico voltado ao agro.

“Nosso pensamento é em garantir o compartilhamento do conhecimento como forma de promover desenvolvimento

regional. O instituto foi idealizado como um elo entre a indústria e a cidade de Panambi”, comenta a diretora de Gente e Gestão da Kepler Weber, Misiara Alcântara.

O setor agropecuário também é a prioridade no TecnoURI Missões, que funciona no campus da Universidade Regional Integrada, em Santo Ângelo. A instituição estuda a criação de outro parque tecnológico também no campus de Erechim.

Parques e hubs tecnológicos

- Passo Fundo (UPF Parque e Instituto Aliança Empresarial)
- Erechim (Centro de Inovação Tecnológica)
- Santo Ângelo (TecnoURI)
- Panambi (Instituto Agregar)
- Santa Rosa e Ijuí (Criatec Unijuí)

Iniciativa do poder público

Em Erechim, uma experiência tem sido capitaneada pela prefeitura. Foi criado um Centro de Inovação Tecnológica na sede da Associação Comercial e Industrial de Erechim (Acie). Depois de apenas quatro meses, 12 empresas já estão residindo ou sendo incubadas neste centro.

“É um investimento que tende a favorecer a todos quando a primeira dessas startups vingar”, diz o prefeito de Erechim, Paulo Polis.

O município investiu R\$ 300 mil nessa instalação e, a cada ano, aporta outros R\$ 20 mil. Neste espaço, a URI, o Instituto Federal e a Universidade Federal da Fronteira Sul estão conectados.